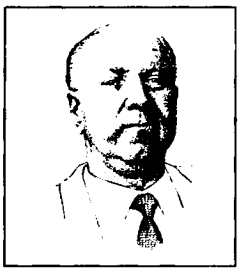
GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI

Direitos Humanos

Politicamente incorreto



A retórica do social se rarefaz no lugar-comum, no impessoal e no abstrato

O fato é que ninguém agüenta mais ouvir falar a toda hora no "social" e nos itens reiterativos do politicamente correto: os "direitos humanos", os "excluídos", a "cidadania", a "justiça social". Chegou-se a nível tal de saturação que essas palavras soam, aos nossos ouvidos, maçantes, falsas e farisaicas. Insolidariedade com a pobreza absoluta que corrói em tão larga escala nosso país? Dureza de coração? Reacionarismo? Não é por aí. Ninguém é reacionário o suficiente para negar condições de vida digna às dezenas de milhões de brasileiros que vegetam em nível subumano. Quem teria hoje a coragem de dizer que a questão social é um caso de polícia? Nem mesmo é verdade que o presidente Washington Luiz alguma vez tenha proferido palavras tão ímpias, conforme esclareceu o eminente historiador Célio Debes, em sua excelente biografia do *Paulista de Macaé*.

Não é das carências materiais e espirituais que pesam sobre nosso povo que falamos aqui. A questão social é gravíssima. O câncer e a aids, também. Mas cada cousa no seu lugar. Assim como não teria sentido erigir o câncer e a aids no problema único da humanidade nem interpretar o mundo e a História segundo essas anomalias, também não tem sentido tratar do social como se fosse a questão única, e entender o mundo e a História em função exclusivamente do social, como parece propor o pensamento de esquerda.

É abrir o jornal, ligar a televisão e as questões sociais não param de nos atacar por todo lado, em alternância com o fluxo contínuo e nauseante dos comerciais de todo tipo. A conseqüência patente e visível é que, cada dia mais, a dignidade do questionamento social se nivela ao prosaísmo e ao reles pragmatismo da publicidade comercial. Vende-se o social como se vende Coca-Cola ou sabão em pó. Houve até um presidente da República (que, atrás de seu bigode, irradia extrema simpatia pessoal aliada à rara matreirice política) que lançou como lema de seu governo a proposta "tudo pelo social". Em vez de popularizar-se, vulgarizou-se. Entrou para o folclore e, com isso, quer fazer crer que tem chance de voltar à Presidência.

Como toda publicidade está inextricavelmente ligada à mentira, os chavões do social correm o perigo de resvalar não só no farisaísmo como no engano, na impostura e na fraude, o que seria a suprema abominação.

A retórica do social se rarefaz no lugar-comum, no impessoal e no abstrato. Satura as atenções sem convencer sinceramente mais ninguém. D. Miguel de Unamuno, o famoso escritor, poeta e filósofo espanhol, era basco de nascimento, criação e estilo. Na Espanha se diz que todo basco tem uma raposa dentro de si. Unamuno repetia sempre que ele tinha duas raposas. Na abertura de um de seus livros mais lidos e citados, *Del Sentimiento Trágico de la Vida*, escreve assim:

"*Homo sum: nihil humani a me alienum puto*, disse o cômico latino. Eu diria melhor: *nullum hominem a me alienum puto*; sou homem, e como estranho não considero nenhum outro homem. Porque o adjetivo *humanus* é para mim tão suspeito como o substantivo abstrato *humanitas*, a humanidade. Nem o humano, nem a humanidade, nem o adjetivo simples, nem o adjetivo substantivado, mas apenas o substantivo concreto: o homem. O homem de carne e osso, aquele que nasce, sofre e morre — sobretudo o que morre —, aquele que come e bebe e joga e dorme e pensa e quer, o homem a quem vemos e ouvimos, o irmão, o verdadeiro irmão."

O homem de carne e osso, o irmão, o verdadeiro irmão é a pessoa humana concreta e singular, única e insubstituível, com seu jeito e seus trejeitos, sua cabeça, sua linguagem, sua maneira de ser. A retórica do "humano" e da "humanidade" encobre o homem de carne e osso; o discurso do "social" mascara e nos furta aos olhos a pessoa humana em toda a sua concretude e singularidade.

O social é importante porque é necessário, sem ele não se vive. O ar que respiramos, o alimento que nos sustenta também são necessários, sem eles não vivemos. O que não se pode é confundir o necessário com o essencial. O homem não se esgota nem no ar que respira, nem no alimento que come, nem no social que o ampara. O social é importante e necessário, mas não é o essencial. A essência, o âmago, o coração da vida humana é a vida *pessoal*, não a vida social. É na dimensão da vida pessoal, da minha relação comigo mesmo e com os outros, que minha vida se passa.

A esfera própria da vida pessoal é a vida individual e interindividual. A grande descoberta da teoria social de Ortega está na distinção entre o interindividual e o social. Entre a vida individual (do homem só) e a vida social (a de vários homens em convivência) existe a esfera intermediária da vida interindividual. O homem enquadrado nas categorias genéricas ou universais da cidadania, da justiça social, dos direitos humanos, do trabalho, etc., é o homem imerso em sua condição propriamente social, isto é, coletiva, anônima e impessoal. A vida interindividual é diferente. Nela um indivíduo convive com outro diretamente, sem abdicar nenhum dos dois de sua personalidade própria e diferenciada, sua condição de pessoa e sua liberdade. No social o homem é um número na fila de espera (seja do INSS, do banco ou do cinema). Na vida interindividual ele é Fulano de Tal, sentado à mesa com amigos, tomando cerveja ou uísque. Momentos da vida interindividual são o cotidiano entre dois ou mais amigos, ou entre dois namorados, ou entre pai e filho, marido e mulher, algumas vezes entre professor e aluno, autor e leitor, uma alma aflita e seu conselheiro, etc. A vida pessoal é também a vida em termos de vocação, que não se deve reduzir à profissão ou carreira, e, sim, entendida como a forma personalíssima, insubstituível, como se exerce uma profissão e se vive a própria vida.

Os séculos futuros vão estranhar que se dê tanta importância ao social no século 20 e tão pouca atenção ao pessoal. O social é meio, mas o pessoal é fim. Só no reduto da vida pessoal nos podemos encontrar conosco mesmos e com o outro; só em seu íntimo refúgio provamos nossos momentos intransferíveis de desventura e de felicidade.

■ *Gilberto de Mello Kujawski é escritor e jornalista*